

## A Retórica da Loucura em *Quincas Borba*

Isadora Grevan de Carvalho<sup>1</sup>

Queria dizer aqui o fim do *Quincas Borba*, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é possível que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, – questão prene de questões, que nos levariam longe...(Assis, 2000: 214)

A ironia, característica sempre ressaltada na obra de Machado de Assis, começa com em *Quincas Borba* no próprio título, incitando o leitor a refletir sobre as várias camadas de interpretações e intenções possíveis, tanto do narrador, do autor implícito assim como de seus personagens. Esta primeira indagação e possível confusão suscitada logo no título do romance encadeia uma lista de elementos e características relacionados à cisão, confusão ou ao dualismo de idéias, que predominam não só na loucura de Rubião, mas na narrativa do livro e seus temas. De supetão e paradoxalmente somente ao final do romance *Quincas Borba* de Machado de Assis, o narrador levanta a “questão” irônica do título. Já no prefácio, assumindo o livro como fazendo parte de uma trilogia que começa por *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o leitor pode presumir que o título se dá devido ao homem Quincas Borba das *Memórias*. Este homem morre no início de *Quincas Borba* e deixa seu nome como herança em seu cachorro. Por outro lado, o romance se desenrola em torno do personagem de Rubião, o herdeiro (de bens materiais) universal de Quincas Borba, o homem. Cabe a pergunta, que o narrador deixa para o final do livro: por que não Rubião como título ou por que o cachorro como elemento principal da história? Esta

---

<sup>1</sup> Visiting Assistant Professor of Portuguese and Brazilian Studies. Hispanic Studies. Oberlin College, USA.

pergunta inicial já suscita no leitor a confusão a qual Machado usa como tática para começar a delinear elementos relacionado ao que chamarei de retórica da loucura no romance.

Estes aspectos de cisão, confusão ou dualismo associados primeiramente à loucura são também estruturalmente relacionados com a ironia e o conceito de *entreabertura* na obra. De fato, vários críticos da obra de Machado de Assis analisaram a ironia como uma das características mais marcantes da obra do autor. Schüler descreve a ironia em Machado em contrapartida com o humor, também frequentemente considerado uma característica marcante: “o humorista diverte-se com o tédio, resolve, de certa maneira, a situação conflitual. O ironista sublinha o conflito. Convém situar Machado no vácuo da fratura, não na ponte erguida sobre o abismo” (Schüler, 1983: 26). Por sua vez, Antonio Luciano Tosta ressalta o aspecto de *entreabertura* da obra de Machado ao explorar os dualismos em conflito e mal resolvidos na sua obra:

Em conjunto com o conceito de “obra aberta” proposto por Umberto Eco, e com a noção de “abertura” também insinuada no poema machadiano supracitado, sugerimos que a obra de Machado de Assis pode ser compreendida também como “entreaberta,” mesmo nos casos em que a primeira vista parecemo-nos deparar com um “torvo mar” durante a leitura. (Tosta, 2004: 34)

Como veremos a seguir, a loucura e os contrastes entre características psíquicas dos personagens Rubião e Sofia abarcam estes dualismos não resolvidos ou em conflito. Eles nos remetem não só a uma visão crítica da sociedade da época em transformação como uma volta a formas renascentistas de mostrar os problemas da sociedade, através da loucura como iluminação e não só como sinistra ou relegada a um problema da

psiquiatria e da ciência. Em contrapartida, para Roberto Schwartz, por exemplo, estas características não passam de um “desconcerto” perante a coexistência de idéias contraditórias dentro de nosso cenário cultural, social e econômico próprio, idéias estas que poderiam estar associadas a uma noção de loucura do século XIX em diante:

Assim, posto de parte o raciocínio sobre as causas, resta na experiência aquele desconcerto que foi o nosso ponto de partida: a sensação que o Brasil dá de dualismo e factício contrastes rebarbativos, desproporções, disparates, anacronismos, contradições, conciliações e o que for combinações que o Modernismo, o Tropicalismo e a Economia Política nos ensinaram a considerar. (Schwartz, 2005: 9)

No entanto, mais do que um desconcerto baseado nas contradições e dualismos, a loucura serve como elemento fulcral de onde emana uma visão mais abrangente da sociedade brasileira. Portanto é essencial como técnica crítica do livro, não só de qualificação de personagens, mas também com intuito de causar as mesmas sensações no leitor; qualidades associadas a noção de loucura estão imbuídas também na linguagem em si do texto, adicionando ao conceito de entreabertura e de ironia já bastante explorada em sua obra. A retórica da loucura serve então como um aparato de desestabilização do texto, do conteúdo e do conceito de autoria por todo o romance.

Em resumo, *Quincas Borba* descreve a trajetória de um ex-professor de meninos da cidade de Barbacena em Minas Gerais, Rubião, que migra para a metrópole do Rio de Janeiro após receber uma herança de seu amigo Quincas Borba em meados do século XIX. Quincas Borba é o criador da filosofia de *Humanitas* que funciona como uma sátira ao positivismo de Comte muito em voga no Brasil do século XIX. A alegoria principal desta filosofia é a do “ao vendedor as batatas”, ou seja, vence o mais forte, baseado no

Darwinismo da seleção natural aplicado ao social. Segundo Roberto Gomes,

O que Machado mira, por detrás da hipocrisia humanitária do positivismo, da sede de esgotar as razões do universo e da vida humana, é a insânia do exercício de poder inerente à concepção de conhecimento (e ao tipo de fundamentação do conhecimento), que a razão e a ciência positivistas enaltecem. (Gomes, 1993: 153)

Ao desenrolar do romance vemos a deterioração mental de Rubião ao largo de uma sociedade burguesa mercantil em transformação, onde Rubião não parece se encaixar. Os limites da razão e a *húbris* do homem mascarando-se a si mesmo na construção de um eu-social são questionados, a começar pelo título do romance. O único personagem que possui as características desinteressadas de amor, lealdade, obediência e amizade é o cão (cabe ressaltar que a personagem de Dona Fernanda também apresenta certas características de lealdade e bondade que merecem um outro estudo). Ao procurar a razão ao máximo no positivismo, ao posicionar o ser humano no pedestal da natureza como portador da razão, ao criar um sistema onde a lei é sempre a do “ao vencedor as batatas”, o que resta dos valores humanos da ética e do sentimento são relegados somente aos cães, que também possuem características confusas e contraditórias da loucura segundo Machado.

Essas são perguntas que vem à tona na leitura do romance. Ao delinear o processo de alienação mental de Rubião de maneira gradativa em relação à personagem de Sofia e seus processos psíquicos assim como ao cão e sua lealdade quase cega, Machado de Assis ilumina os processos psíquicos do ser humano na sociedade moderna. Estes personagens criam uma estrutura predeterminada de papéis sociais idealizados baseados em conceitos racionais que muitas vezes não estão de acordo com

o processo de adaptação mental e sentimental deles mesmos no seu psicológico. Aqueles papéis sociais, apesar de parecerem coerentes e racionais servem como arquétipos de uma cisão profunda entre o que quer ser e o que deve ser, o psíquico e o social, o coração e o espírito, demonstrando a internalização da confusão mental na sociedade moderna.

Neste artigo procuro delinear este corte entre tendências dicotômicas em tensão pelos quais passam os personagens, e principalmente como elas se tornam mais aparentes no progresso de degradação mental de Rubião e no mundo psíquico de fantasia de Sofia. Estas constantes tensões, e escrita que trazem paradoxos e ambiguidades mal resolvidas na leitura, são traçados na estória através do elemento loucura, que funciona como retórica literaria. Apesar de ser diretamente ligado a Rubião e Quincas Borba do início do romance, qualidades associadas a loucura acabam sendo associadas a todos os personagens do romance. A loucura ocupa um lugar de destaque como forma de “iluminar” os aspectos da sociedade que paradoxalmente estão cada mais obscurecidos por uma visão de mundo baseado no positivismo e no neo-liberalismo econômico.

Características que são associadas a loucura neste mundo em transformação, em outros tempos eram associadas à sabedoria. Segundo Schwartz, em seu artigo “A Vira Volta Machadiana”, o tom irônico do narrador junto com a temática de questionamento do sistema de compadrio se dá nos romances de segunda fase ao revelar o contraste entre um individualismo burguês, concomitantemente com os privilégios paternalísticos provindo de um sistema escravocrata em essência e ainda em andamento. Estes contrastes de estrutura social brasileira contribuem ainda mais para esta confusão e fuga à fantasia dos personagens Rubião e Sofia.

Nos romances da segunda fase, invertido o ângulo, toca aos pobres

figurar no espelho subjetivo dos proprietários, em que os prismas do individualismo burguês e da dominação paternalista se revezam segundo a desfaçatez da conveniência egoísta. A essa luz, a figura do dependente adquire relevo extraordinário. São retratos do desvalimento que não conta com o reconhecimento do valor do trabalho, com a proteção do direito ou com as compensações da providência divina. Trata-se do vácuo social armado pela escravidão moderna para a liberdade sem posses, outro tema que, *mutatis mutandis*, não se esgotou. (Schwartz, 2005: 34)

Ecoando as “idéias fora de lugar” do livro de mesmo cunho, podemos dizer que esta sociedade com alguns elementos de economia liberal econômica junto com elementos estanques de classe, dá a luz a personagens como Rubião e Sofia, que se deterioram interiormente no processo de adaptação a um sistema novo. Clotilde Wilson descreve sobre a loucura na obra do autor, como sendo algo de caráter positivo, ou pelo menos servindo como uma fuga: “Machado de Assis wrote of madness not as one who feared it, but rather as one who would welcome it as an outlet from the intolerable sadness of reality” (Wilson, 1949: 198). Aparentemente inserida como forma de escape pelo personagem Rubião, a loucura tem uma função ainda mais complexa no livro em questão pois vai além de uma tática de fuga, além de não ser facilmente definida com tal.

Já no começo do livro a fragmentação interior de Rubião começa a ser delineada. O narrador onisciente aponta para o conflito moral de Rubião ao herdar a herança de Quincas Borba. A única razão pela qual ele se torna o herdeiro universal está no fato de que sua irmã, noiva de Quincas Borba, morre prematuramente. Um grande benefício material só se confirma com uma grande perda sentimental. Rubião pára de

trabalhar para cuidar de Quincas Borba que eventualmente morre por causa de sua saúde mental. Este ato de bondade se mescla com seu interesse em receber a herança, sendo apresentado nesta passagem:

Que abismo que há entre o espírito e o coração! O espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arreprou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos de Rubião acompanham, arregalados? Ele, coração. vai dizendo que, uma vez que a mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha... -Bonita canoa!-Antes assim!-Como obedece bem aos remos do homem!-O certo é que eles estão no céu!  
(Assis, 2000: 13)

Esta consciência dos conflitos internos revelados primeiramente por Rubião vão dar à tona às dificuldades de adaptação de Rubião e suas fantasias, pois ele vai perdendo a capacidade de entendimento e controle que ele tem no início do romance. Mais tarde, esta percepção aguçada passa a ser relegada ao narrador. Se Borba tivesse tido um herdeiro, não teria recebido a herança. O irônico nesta passagem é que o coração é associado ao desejo de ganho, enquanto o espírito se associa a uma ética moral própria de lealdade e bondade. Neste caso, o coração se mostra egoísta e mesquinho, desejando a morte de Piedade e a dissolução do casamento de Quincas Borba com Piedade. De fato, com a morte de Quincas Borba, Rubião começa a entender a alegoria das batatas que antes parecia para ele tão absurda ao ser exemplificada através da morte fria e cruel da avó de Quincas Borba:

A sege no meio do caminho achou um obstáculo e derribou-o; esse obstáculo era minha avó. O primeiro ato dessa série de atos foi um movimento de conservação: Humanitas tinha fome. Se em vez de minha avó, fosse um rato ou um cão, é certo que minha avó não morreria, mas o fato era o mesmo; Humanitas precisa comer (Assis, 2000: 18).

No entanto, Rubião descobre que só a morte de sua irmã e de seu amigo torna possível a sua riqueza material, o que se assemelha à crueldade da teoria Humanitas. O que não será eventualmente claro no decorrer do romance é até que ponto esta lei que explica o poder econômico e social de indivíduos pode ser vista como o segredo da felicidade ou o segredo por trás das relações humanas assim como via Quincas Borba, que acaba sendo vítima desta mesma teoria, metamorfoseando-se em loucura, na impossibilidade de ser feliz dentro dela. O posicionamento do coração como órgão de interesse próprio e o espírito como capaz de uma ética mais elevada de respeito ao outro também confunde o leitor, pois se pressupõe que Rubião amaria sua irmã “no seu coração” ao invés de querer a sua morte. Também demonstra a falta de entendimento da filosofia Humanitas por parte de Rubião, que procura fazer sentido do seu desejo de ganância que floresce com a herança dos bens de Quincas Borba.

Podemos também intuir que uma das razões da volta à loucura destrutiva de Quincas Borbas se dá após a morte de sua futura esposa, Piedade, mostrando aqui a loucura novamente como escape. Assim como mostra como o próprio criador de *Humanitas* não está imune ao sofrimento do coração. Wilson afirma que

For Machado de Assis life is a thing of unbearable sadness and disenchantment, and since this is so he would seem to imply that only he can avoid despair who can escape from this life into a world of



dreams. And since the often cynical humor that imbues the works of Machado de Assis is allied to the bitterness with which he contemplates the sorrows of mankind, he, like Erasmus, found in the lunatic's gratification of the 'pleasure principle' a theme for ironical laughter-or perhaps tears. (Wilson, 1949: 200)

Um aspecto importante levantado por Wilson é de que a loucura, em oposição aos movimento de Reforma Sanitária do Brasil da época, seria, paradoxalmente, algo "sanitário" e necessário como forma de combater o cientificismo cego num país de contradições. A própria resolução de Machado em relação à loucura como solução, iluminação e escape contribuem para revirar todas as noções empíricas do positivismo de cabeça pra baixo. O objetivo do movimento sanitário seria eliminar as doenças e as loucuras, reformando também os hospitais para doentes mentais com novas técnicas de tratamento. No entanto, como vemos no livro, este ideal sanitário se mostra insuportável para alguns que não podem seguir o sistema.

Rubião se encontra confuso após adquirir a herança e após sua mudança para o Rio de Janeiro da cidade pequena de Barbacena em Minas Gerais. Começa então uma outra forma de fragmentação: o homem pobre do interior versus o homem rico da cidade grande inundada por desejos de se afrancesar. O Rubião rico da cidade grande adquire pensamentos grandiosos e egoístas e entra em conflito com seu outro, o homem humilde de Barbacena. Além disso, podemos ver que seu entendimento dos aspectos de *Humanitas* que ele procura entender para justificar sua herança, não são muito bem entendidos.

A megalomania, por exemplo, começa com a paixão por Sofia. Rubião fica cego para o fato de Sofia ser casada, revelando o começo de sua deterioração mental. De repente, o homem de cidade pequena, dedicado em espírito para educação de crianças e

o bem do próximo, se transforma no homem que não vê nenhum mal no adultério. Não é coincidência que Rubião conhece Palha e Sofia na viagem de trem para o Rio de Janeiro. Nesta viagem que representa um corte da sua vida passada, ele conhece a mulher do Palha. Por sua vez, Palha e Sofia usam a riqueza de Rubião e sua ingenuidade para enriquecer.

Sofia aprende, desde o início, a usar sua beleza e seu poder de sedução para beneficiar o marido. Sofia em grego significa sabedoria. Sofia como objeto amoroso e isca de seu marido serve como revelação deste corte em Rubião, fonte de sabedoria para nós leitores, pelo menos dos mecanismos vigentes nas duas almas em contraponto. Nela, Rubião poderia unir os pedaços de si mesmo de egoísta e apaixonado, de vencedor e vencido na sua busca para a fusão ou felicidade. O desejo por uma paixão além das expectativas sociais do matrimônio representam uma fuga dos padrões sociais, pois estes exigem uma outra espécie de fragmentação a qual ele não está preparado. Esta fragmentação representaria saber realmente jogar o jogo de casamento de interesses e compadrios, o qual ele não estava a par.

Este desejo mal desenvolvido de se adaptar à sociedade de interesses pessoais, passa a se tornar uma obsessão fracassada para Rubião já que Sofia não corresponde a seus desejos. Em vez de ele mesmo usar Sofia para seus bens econômicos e pessoais de uso para o prazer, sua obsessão parece ganhar formas reais de um amor romântico e platônico, no qual ele também não se encaixa e que lhe é estranho. Sofia não deixa de sonhar com o mesmo tipo de fuga na figura de Carlos Maria, criando um paralelismo entre os dois, como exemplifica Katia Muricy:

Por um instante a insatisfação romântica de Sofia, na sua atração por Carlos Maria, a aproxima fugazmente de Rubião, na vizinhança que existe entre paixão e loucura. Ambos acreditam em signos falsos. Sofia

por ser ainda novata nas artes mundanas, Rubião, condenado a esse engano, por não ter acesso as normas sociais da nova razão” (Muricy, 1988: 99).

Rubião e Sofia se aproximam no desejo de escape, mas os dois operam em diferentes registros sociais. Rubião não sabe jogar o jogo de mentiras e negociatas, enquanto Sofia aprende a equilibrar os desejos do marido e seus desejos interiores, para que um não tome precedência sobre o outro. Rubião não é capaz de manter sua alma fragmentada sem perder-se a si mesmo na procura de fusão (que representaria para ele o ápice da felicidade e sanidade, mas que também demonstra uma ingenuidade na compreensão dos mecanismos da psique). Por isso Rubião fica louco no livro e Sofia adquire mais e mais perspicácia no jogo mascarado da sociedade em que vive, subindo em status social e econômico ao longo da história. Este paralelismo cria uma espécie de isomorfismo nos dois personagens que contribuem para as muitas facetas da loucura.

Na passagem a seguir em *Quincas Borba* deduzimos que começa a “venda” dos bens de Rubião assim como a venda simbólica de sua alma e desejos ao Palha, como a venda da alma de Fausto ao diabo na obra de Goethe aqui aludida. Palha, como o nome alude, não passa de fogo fátuo, um homem preocupado com os bens passageiros da vida. O narrador delinea assim uma outra espécie de cisão. Nesta frase se vê que a separação entre coração e posição social se faz de maneira brusca, e começa aí a lenta queda de Rubião ao delírio e fuga do coração: “Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui esta na sala, um *Mefistófeles* e um *Fausto*” (ASSIS, 2000, p.14). Aqui, o tal do coração que era visto anteriormente como egoísta em contrapartida ao espírito, se associa ao seu passado, que poderíamos dizer, mais ingênuo. Começa também o conflito interno de Rubião em relação ao papel que imagina

querer cumprir na sociedade. Por um lado, ele está consciente de sua nostalgia aos valores de pobre em Barbacena e por outro se exalta ao pensar na ambição de grandeza, como vemos a seguir:

Queria ver Barbacena. Barbacena era a primeira terra do mundo. Durante alguns minutos, Rubião pode subtrair-se à ação dos outros. Tinha a terra natal em si mesmo; ambições, vaidades da rua, prazeres efêmeros, tudo cedia ao mineiro saudoso da província. Se a alma dele foi alguma vez dissimulada, e escutou a voz do interesse, agora era a simples alma de um homem arrependido do gozo, e mal acomodado na própria riqueza. (Assis, 2000, p.74)

A queda de Rubião para a loucura pode ser expandida quando vemos a afinidade de Machado de Assis com livros do Renascimento. Na concepção de Foucault, em seu livro *Madness and Civilization*, o período clássico representou uma mudança drástica em relação à loucura como era tratada no Renascimento. Esta época foi responsável por silenciar a loucura através do encarceramento usando técnicas especiais de controle. Quando encarcerado, o louco não podia falar e não podiam falar dele. No processo de encarceramento, a loucura foi re-classificada e silenciada. A loucura também foi relegada a uma categoria mais ampla de alienação social definida por uma atitude negativa ao trabalho. Para Foucault, o período do Renascimento dava liberdade para a loucura se expressar tanto na vida diária como em escritores como Shakespeare e Cervantes. A loucura Renascentista não era confinada ou restrita. A definição de loucura muda de acordo com a sociedade e ela ocupa um espaço social e cultural dentro da mesma.

Devido ao retardamento do progresso científico e econômico no Brasil que rapidamente passou de colônia, a reino unido a país independente regido pelo filho do rei de Portugal D. Pedro II, a sociedade não passou por uma transição gradual ao lidar com a questão do doente mental. Machado de Assis critica a nova forma do governo lidar com a loucura, encarcerando-a, no conto *O Alienista*<sup>2</sup>. Neste conto, vimos uma sátira quase caricatural em relação ao saber todo poderoso da ciência ligado ao poder político e econômico e a completa falta de um parâmetro para delimitar os conceitos de doença mental. Novamente, Machado parece criticar a apropriação de elementos de fora, sem levar em contas as especificidades locais. Em *Quincas Borba*, ao contrário, vemos a trajetória de um indivíduo Rubião no caminho para o delírio e a separação quase completa entre realidade externa e fantasia ao mesmo tempo em que vemos a mesma crítica ao culto máximo à razão. Os limites da loucura também não se delimitam claramente no decorrer do romance, mas vão se intensificando gradativamente até o momento quando Rubião “levanta a coroa de nada” ao regresso a Barbacena no final do livro. Machado de Assis vai contra o pensamento de encarcerar e curar a loucura. A loucura serve como descrição de processos psíquicos de sofrimento e reação ao meio assim como de revolta contra delimitações concretas entre a razão e outros elementos pertencentes ao humano. O personagem central e o que dá nome ao livro “morrem” de loucura e esta não aparece como solução nem como reflexo negativo ao meio, mas como espelho do mundo interior e mesquinho do homem e da sociedade em que se

---

<sup>2</sup> Segundo Marco Aurelio Soares Jorge, “A inauguração do Hospício de Pedro II, que em homenagem ao então imperador do Brasil recebeu o nome de Pedro II, ocorreu em 05 de dezembro de 1852, tendo sido criado através do Decreto nº 82 em 18 de julho de 1841. Era dada como necessária a construção de um local específico, que ficasse afastado do centro urbano da cidade do Rio de Janeiro, para abrigar os loucos recolhidos pela Santa Casa, que lá ficavam internados em locais vistos como impróprios e custosos (Medeiros, 1977). Na verdade, tinha-se como princípio básico um duplo afastamento do louco do meio urbano e social, quer fosse pelo distanciamento ou pela reclusão. A escolha da Praia Vermelha, local onde se construiria o Hospício de Pedro II foi em função de ser um local afastado do centro urbano. Com isso, ficava evidente a prática de exclusão tão presente nas diversas maneiras de lidar com as formas de loucura. (117)

encontram. Os loucos acabam por parecer neste romance, aqueles que não são encarcerados, enquanto os mesquinhos como o Palha, são destituídos de emoções verdadeiras, encarcerados nas suas próprias limitações.

Em *Quincas Borba*, a loucura clássica, encarcerada, silenciada, assim como descreve Foucault paralela à nova posição médica em relação à loucura no Brasil, serve como desmascaramento e eleva a loucura para a posição renascentista onde a loucura serve como espelho revelador dos males da sociedade. O valor do ser humano como produto capitalista de troca e da razão levada ao extremo no positivismo não passa de uma outra forma de loucura, revelando outros conflitos psicológicos. Sofia e Rubião encontram mecanismos psicológicos diferentes de como se portar dentro desta sociedade de consumo. A loucura de Quincas Borba se desenvolve no extremo destes valores positivistas, servindo como sátira. Rubião herda esta loucura sem herdar os valores, e a loucura se desenvolve como ingenuidade e incapacidade de jogar o jogo, também louco. Sofia é uma personagem ambígua dentro deste sistema, pois ela joga o jogo e ao mesmo tempo anseia outra coisa, insatisfeita com seu mero valor mercantil para o marido.

Nesta relação em que os dois personagens estão cegos um para o outro, os limites entre os conflitos psicológicos de um se mesclam com o de outro. Os dois criam um mundo psicológico de fantasia. O cachorro passa a simbolizar a total falta de razão e os preceitos últimos delineados pelo seu dono Quincas Borba na sua teoria do Humanitismo. Rubião, Sofia e o cão Quincas Borba parecem se igualar no plano psicológico nesta trama onde os valores de afetividade e amizade devem sempre passar por aqueles do interesse antes de tudo, enquanto eles procuram a felicidade e a satisfação fora deste sistema.

Machado de Assis consegue através de Rubião e sua loucura/doença mental, delinear o mal-estar na civilização moderna brasileira e as possíveis realidades

psicológicas dos indivíduos neste meio. Através do diálogo cego e mudo entre Sofia e Rubião, vemos o desenrolar deste tema onde Sofia e Rubião se espelham nas diferentes soluções que o mundo psíquico encontra neste mundo de onde o indivíduo parece se alienar.

Machado de Assis delinea várias causas possíveis para a loucura de Rubião no decorrer do romance que se marcam por uma série de cisões no espírito de Rubião, como já foi mencionado anteriormente e delinheio novamente a seguir:

- 1- Herança do “grãozinho de sandice” do Quincas Borba.
- 2- Paixão por Sofia não-realizada.
- 3- Pressão do meio/não-adaptação.
- 4- Megalomania: transição de pobre a rico com fantasia de grandiosidade seguindo a alegoria das batatas de QB a qual ele não compreende de todo.
- 5- Busca da felicidade num mundo onde o valor mercantil era mais importante.
- 6- Sociedade moderna burguesa afrancesada em contraste com os valores nacionais.
- 7- Sonho por parte de Rubião de voltar ao ideais monárquicos, idéias antigas e rurais da sua cidade natal de Barbacena.

Em seu livro *O Mal-Estar na Civilização*, Freud descreve os efeitos possíveis provindos da maneira como o individuo procura a felicidade (o princípio de prazer) na civilização moderna. Machado de Assis capta com profundidade a posição do indivíduo na sociedade moderna e procura levar à tona essas mesmas idéias com uma outra luz sobre o presente. Freud funciona aqui para iluminar o processo de total entrega ao delírio que ocorre no romance aqui explorado. Nesta passagem Freud explica como o indivíduo lida com uma sociedade onde os valores do trabalho e da civilização tomam precedência àqueles da afetividade e da felicidade. Na busca de se livrar do sofrimento,

Pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos. Mas quem quer que, numa atitude de desafio desesperado, se lance por este caminho em busca da felicidade, geralmente não chega a nada. A realidade é demasiado forte para ele. Torna-se um louco; alguém que, a maioria das vezes, não encontra ninguém para ajudá-lo a tornar real o seu delírio. Afirma-se, contudo, que cada um de nós se comporta, sob determinado aspecto, como um paranóico, corrige algum aspecto do mundo que lhe é insuportável pela elaboração de um desejo e introduz esse delírio na realidade. Concede-se especial importância ao caso em que a tentativa de obter uma certeza de felicidade e uma proteção contra o sofrimento através de um remodelamento delirante da realidade, é efetuada em comum por um considerável número de pessoas. Como uma última técnica de vida, pelo que menos lhe trará satisfações substitutivas, é-lhe oferecida a fuga para a enfermidade neurótica, fuga que geralmente efetua quando ainda é jovem. O homem que, em anos posteriores, vê sua busca da felicidade resultar em nada ainda pode encontrar consolo no prazer oriundo da intoxicação crônica, ou então se empenhar na desesperada tentativa de rebelião que se observa na psicose. (Freud, 1996: 10)

Pode-se extrair desta passagem que a procura obsessiva de Sofia pela atenção de outros homens, o possível adultério e principalmente aquele com Carlos Maria, se dá por meio de um comportamento “neurótico” de cisão do psíquico em que o gozo passa a existir



na impossibilidade e por causa dela. Por sua vez, Rubião, na sua procura incessante da felicidade ao nada, se volta para o delírio “psicótico”. Estes termos Freudianos servem somente para exemplificar um insight de Machado de Assis ao descrever os processos psíquicos de dois personagens marcados pela fragmentação. O personagem de Rubião representa a alienação existencial do homem moderno principalmente por representar a cavalgada do tempo na sua própria história pessoal. Ele pega o trem e chega em um mundo estrangeiro para ele mesmo, vivendo uma vida burguesa e passiva de uma cidade em transição.

No trecho a seguir Rubião passa a se identificar com o cachorro e soltá-lo é o mesmo que soltar sua alma atormentada pela culpa de amar uma mulher casada e ao mesmo tempo é tomado por uma completa falta de culpa. A alma de Rubião muitas vezes é descrita como vivendo na ilha de Próspero de Shakespeare. A tempestade ou as ondas invadem a ilha de sua alma periodicamente:

A alma do Rubião bracejava debaixo deste aguaceiro de palavras mas, estava num beco sem saída por um lado nem por outro. Tudo muralhas. Nenhuma porta aberta, nenhum corredor, e a chuva a cair. Se pudesse olhar para as moças veria, ao menos, que era objeto de curiosidade de todas, principalmente da filha do major, D. Tonica; mas não podia; escutava, e o major chovia a cântaros. (Assis, 2000: 44)

Rubião nunca está totalmente à vontade no meio das pessoas. Ele está sempre vivendo às margens do mundo social. Ele não entende de negócios, faz assinatura de jornais e revistas sem lê-los, doa dinheiro sem pensar nos seu gastos, almoça com conhecidos em sua casa só para não ficar sozinho, sem nunca criar uma relação com eles. Ele vive no mundo de sua mente em constante combate com o ambiente em que vive. A sua paixão

por Sofia embaça sua mente e impede um possível casamento futuro. Em uma sociedade em que as expectativas incluem uma rápida adaptação a um mundo de trocas e interesses, Rubião parece fadado ao fracasso. O cachorro, assim como sua alma em conflito, vivem à margem.

Um outro elemento de cisão no processo de desenvolvimento da loucura que é descrito na memória de Rubião de adolescente na cidade do Rio de Janeiro, ocorre quando ele presencia a guilhotina de um criminoso em praça pública:

Rubião esteve assim alguns segundos, os que bastaram para que chegasse o momento fatal. Todos os olhos fixaram-se no mesmo ponto, como os dele. Rubião não podia entender que bicho era que lhe mordia as entranhas, nem que mãos de ferro lhe pegavam da alma e retinham ali. O instante fatal foi realmente um instante; o réu esperneou, contraiu-se, o algoz cavalgou-o de um modo airoso e destro; passou pela multidão um rumor grande, Rubião deu um grito, e não viu mais nada. (Assis, 2000: 59)

Esta memória reflete a própria guilhotina interior de Rubião. Mal ele chega ao Rio de Janeiro sua alma está entregue à paixão por Sofia e sua amizade de negócios com Palha que levará à sua destruição eventual. Rubião parece prever sua destruição ao lembrar desta cena, que o cega mentalmente. O grito e a cegueira marcam o fim desta memória traumática. O outro lado possível de culpa está em ser o torturador ele mesmo ou aquele que pagará pelos seus pecados. Antes da herança, sua vida pacata não parece trazer tantos vícios e desejos adúlteros. Agora na cidade, vive sem religião e sem padrões morais a não ser os padrões da fortuna. Nota-se que com a morte de Quincas Borba, Rubião organiza uma missa devido ao medo do que as outras pessoas da cidade falarão

dele. Já na cidade, os escrúpulos parecem não ter mais importância. A sede de nomeada é o que importa. Há outra imagem semelhante de tortura em um sonho que ele tem sobre Sofia e sua prima que são torturadas com as costas nuas sangrando. Este também parece representar a culpa do adultério.

Outro autor renascentista que influencia a maneira como a loucura é desenvolvida no livro de Machado de Assis é Erasmo de Rotterdam. De fato, Wilson afirma que “We know that Machado de Assis was familiar with Erasmus’ *In Praise of Folly*, since he makes several references to it” (Wilson, 1949: 198). Ao vermos um pouco da loucura de Rubião em todos os personagens e ao mesmo tempo ao estabelecermos empatia ao desejo de amizade e ingenuidade afetiva de Rubião, certas questões sobre a loucura levantadas por Erasmo de Rotterdam são levadas à tona. Em *Elogio da Loucura*, Erasmo critica os racionalistas e religiosos ortodoxos que punham o homem ao total serviço da razão como suprema e demonstra compaixão pela natureza humana além da razão. A Loucura para Erasmo está por toda parte, e todos podem se identificar com algum dos tipos de loucos ou loucura apresentados por ele. Como ele próprio diz, “Está escrito no primeiro capítulo do Eclesiastes: O número dos loucos é infinito. Ora, esse número infinito compreende todos os homens, com exceção de uns poucos, e duvido que alguma vez se tenha visto esses poucos” (Rotterdam, 2002: 171). Pode-se também delinear até que ponto o traço irônico e trágico da loucura de Rubião ao lado de seu cão se assemelham com posições renascentistas de expressão da loucura exploradas por Foucault e Erasmo:

Além disso, relegou a razão para um estreito cantinho da cabeça, deixando todo o resto do corpo presa das desordens e da confusão. Depois, ainda não satisfeito com isso, uniu Júpiter à razão, que está sozinha, duas fortíssimas paixões, que são como dois impetuosíssimos

tiranos: uma é a Cólera, que domina o coração, centro das vísceras e fonte da vida; a outra é a Concupiscência, que estende o seu império desde a mais tenra juventude até a idade mais madura. Quanto ao que pode a razão contra esses dois tiranos, demonstra-o bem a conduta normal dos homens. Prescreve os deveres da honestidade, grita contra os vícios a ponto de ficar rouca, e é tudo o que pode fazer; mas os vícios riem-se de sua rainha, gritam ainda mais forte e mais imperiosamente do que ela, até que a pobre soberana, não tendo mais fôlego, é constringida a ceder e a concordar com os seus rivais. (Rotterdam, 2002: 37)

Machado de Assis apresenta todos esses elementos ao delinear a degradação da alma de Rubião. A loucura como desmascaramento, como mal-estar na civilização, como ironia sobre as relações humanas, como fragmentação interior aliado a elementos do renascimento. Rubião cai no abismo da loucura através da sua interação com o meio corrupto sendo ele próprio levado ao egoísmo e desejo de conquista. Assim como aponta Erasmo em sua crítica à mesquinharia da igreja, Machado de Assis apresenta um homem vítima de si mesmo. Mais do que o mundo corrupto à sua volta, o seu pensamento próprio o vitimiza.

A relação de Rubião com o cão também reflete elementos de fragmentação e deterioração de sua alma. Ele começa a criar uma relação de simbiose com o cão e não podemos saber como leitor se o cão é descrito como reflexão da alma de Rubião ou como autônomo: “Quincas Borba sentiu-lhe os passos, e começou a latir. Rubião deu-se pressa em soltá-lo; era soltar-se a si mesmo por alguns instantes daquela perseguição” (Assis, 2000: 35).

Um indício adicional de deterioração da mente de Rubião acontece quando ele começa a pensar na idéia de transmigração. A sua culpa por ter recebido a fortuna sem o verdadeiro amor pelo cachorro ou a dedicação devida vem à tona neste trecho:

Emendou-se logo; mais ingrato era não ter pensado no outro Quincas Borba, que lhe deixou tudo. Vai senão quando, ocorreu-lhe que os dous Quincas Borba podiam ser a mesma criatura, por efeito da entrada da alma do defunto no corpo do cachorro, menos a purgar os seus pecados que a vigiar o dono. Foi uma preta de São João d'El-Rei que lhe meteu, em criança, essa idéia de transmigração. Dizia ela que a alma cheia de pecados ia para o corpo de um bruto; chegou a jurar que conhecera um escrivão que acabou feito gambá...(Assis, 2000, p.60)

Naturalmente Rubião não estabelece nenhuma relação de amizade sem que os outros não tenham algum interesse por trás. Por isso o cachorro passa a espelhar o gradativa separação de Rubião da realidade que se mostra entediante, cruel e impenetrável para o anti-herói Machadiano. A ironia é que, ao final do livro, após perder a fortuna e a sanidade, só o cachorro o acompanha. No momento a seguir Rubião está consciente da dispersão de sua vida e de seu ser fragmentado e imagina uma maneira de restituir a simplicidade e unidade de sua vida no campo:

Sim, podia ser também um modo de restituir à vida a unidade que perdera, com a troca do meio e da fortuna; mas esta consideração não era propriamente filha do espírito nem das pernas, mas de outra causa, que ele não distinguia bem nem mal, como a aranha. Que sabe a aranha a respeito de Mozart? Nada; entretanto, ouve com prazer uma sonata do

mestre. O gato, que nunca leu Kant talvez um animal metafísico. Em verdade, o casamento podia ser o laço da unidade perdida. Rubião sentia-se disperso; os próprio amigos de trânsito, que ele amava tanto, que o cortejavam tanto, davam-lhe à vida um aspecto de viagem, em que a língua mudasse com as cidades, ora espanhol, ora turco. Sofia contribuía para esse e era tão diversa de si mesma, ora isto, ora aquilo, que os dias iam passando sem acordo fixo, nem desengano perpétuo. (Assis, 2000: 98)

A nostalgia de um momento de unidade aparece ao longo do romance como uma nostalgia de um tempo que nunca foi. Refletindo os processos psíquicos do personagem, a alienação de Rubião inspira a nostalgia constante de um tempo passado onde também havia insatisfação.

O processo de fragmentação mental de Rubião e seus elementos complexos de loucura desenvolvidos no romance são contrapostos com o processo de escape e adaptação de Sofia. Sofia é uma personagem intrigante pois anseia profundamente por uma paixão fora do casamento que nunca tem coragem ou oportunidade de realizar. Sua fragmentação mental começa ao compartilhar com o marido a conquista de bens. Foi cedendo aos poucos a ponto de sentir prazer no jogo de sedução:

E aqui façamos justiça à nossa dama. A princípio, cedeu sem vontade aos desejos do marido; mas tais foram as admirações colhidas, e a tal ponto o uso acomoda a gente às circunstâncias, que ela acabou gostando de ser vista, muito vista, para recreio e estímulo dos outros. Não a façamos mais santa do que é, nem menos. Para as despesas da vaidade, bastavam-lhe os olhos, que eram ridentes, inquietos, convidativos, e só

convidativos, podemos compará-los à lanterna de uma hospedaria em que não houvesse cômodos para hóspedes. A lanterna fazia parar toda a gente, tal era a lindeza da cor, e a originalidade dos emblemas; parava, olhava e andava. Para que escancarar as janelas? Escancarou-as, finalmente; mas a porta, se assim podemos chamar ao coração, essa estava trancada e retrancada. (Assis, 2000: 45)

Após o episódio com Rubião e sua dedicação de amor, Sofia se deixa seduzir por Carlos Maria. Kátia Muricy em seu livro *A Razão Cética* aponta para o fato de que na sociedade brasileira do século XIX a mulher passa fazer parte ativa da vida social da família na cidade. A mulher passa rapidamente da vida privada da família para uma vida onde a aparência, sociabilidade e moda da mulher são essenciais para o jogo social e econômico da cidade. Este papel social que passa a ocupar, onde o verdadeiro poder está nas mãos do marido, cria uma nova realidade para a mulher. Sofia representa esta mulher usada como isca pelo marido e como troféu de seu poder social. Sofia passa então a seduzir e ser seduzida sem nunca passar da sedução. No entanto, seu psíquico está em constante batalha consigo mesma, procurando encontrar um lugar neste mundo na qual não está completamente adaptada. A maneira como o narrador descreve a estranheza junto com a natural habilidade de Sofia parece ser o reflexo profundo da mulher nesta sociedade em transformação:

Pois que se trata de cavalos não fica mal dizer que a imaginação de Sofia era agora um corcel brioso e petulante, capaz de galgar morros e desbaratar matos. Outra seria a comparação, se a ocasião fosse diferente; mas corcel é o que vai melhor. Traz a idéia do ímpeto, do sangue, da

disparada, ao mesmo tempo que a da serenidade com que torna ao caminho reto, e por fim à cavalaria. (Muricy, 1988: 160)

A insatisfação de Sofia é descrita aqui como saudade. No entanto, Sofia continua dissimulando e ascendo socialmente junto com o marido, deixando pra trás os amigos de outra era e o amor romântico e desastrado de Rubião:

Ao contrário, Sofia, passado o susto e o espanto, mergulhou no devaneio; todas as referências e histórias mentirosas de Rubião como que lhe davam saudades,-saudades de quê?-"saudades do céu" que é o que dizia o Padre Bernardes do sentimento de um bom cristão. Nomes diversos relampejavam no azul daquela possibilidade. Quanto pormenor interessante! (Assis, 2000: 174)

Através das descrições dos devaneios mentais de Sofia e Rubião o leitor é levado a um mundo em que os limites entre a razão e a loucura não são bem delineados. Rubião e Sofia vivem num mundo de mascarados onde os papéis que cumprem na realidade estão em constante conflitos com aqueles internos. Rubião não possui a mesma maestria de Sofia para a dissimulação e o jogo e por isso parece cair no abismo do delírio, mas sempre com um grãozinho de sandice ao ver sua alma e declínio para uma futura liberação à fantasia completa e niilismo no final do livro. Rubião morre vencendo o nada e aqui está uma descrição do processo de declínio:

Quando Rubião voltava do delírio, toda aquela fantasmagoria palavrosa tornava-se, por instantes, uma tristeza calada. A consciência, onde ficavam rastros do estado anterior, forcejava por despegá-los de si. Era



como a ascensão dolorosa que um homem fizesse do abismo, trepando pelas paredes, arrancando a pele, deixando as unhas, para chegar acima, para não tombar outra vez e perder-se. Ia então à vista dos amigos, uns novos, outros velhos, como a gente do major e a do Camacho, por exemplo. (Assis, 2000: 198)

Sofia, por sua vez, sente prazer ao imaginar o possível encontro amoroso com Carlos Maria, mas consegue enganar a todos e a si mesma. No meio dos enganados, Rubião é o único que consegue ler a paixão de Sofia por Carlos Maria. Ou talvez seu marido tenha percebido, mas não consiga ver uma Sofia, agente do seu destino, portanto não se sente ameaçado.

É possível imaginar que Sofia, Rubião e o cachorro são desenvolvidos ao longo do livro com simetria. Os estados mentais dos três são descritos como possíveis reflexos de uma sociedade em rápido e caótico desenvolvimento. A loucura, a fantasia vertiginosa de Sofia que seria mais tarde descrita por Freud como histeria, o cão obediente com sentimentos que os seres humanos não podem compreender, formam um triângulo. A própria loucura total de Rubião acontece gradativamente com as profundas descrições de sua consciência iluminando as escuridões da alma humana. Se *Quincas Borba* possui tanta clareza em relação às questões do homem e seu tempo histórico, ele possui também visão da alma humana fora de seu tempo. Se aprendermos algo sobre a loucura, aprendemos mais sobre nosso próprio rosto no espelho ao lermos este livro e podemos concluir com Freud que:

Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande

parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade. Agora só nos resta esperar que o outro dos dois 'Poderes Celestes', o eterno Eros, desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu não menos imortal adversário. Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado? (Freud, 1996: 37)

Por outro lado, para Wilson,

Surely, then, the pessimism of Machado de Assis reaches its ultimate expression in the implication that only through madness may one attain the illusion of happiness. It would seem, therefore, that like Doctor Estabrooks, who says: "The worst offence you could possibly commit (against the insane) would be to effect a cure," and like Erasmus, who so deplored the attempt to restore the sanity of a certain Grecian (7), he too would wish to allow the demented to dwell undisturbed within their self-created realm of fantasy. (Wilson, 1949: 200)

Apesar da aparente atração pela loucura suscitada pelo livro *Quincas Borba*, resta-nos um gosto amargo na boca ao fecharmos as últimas páginas do livro. Sim, a loucura ou a fragmentação da alma em fantasia, parece dar aos personagens, uma espécie de escape quase necessário. No entanto, são ambas manifestações reprimidas e mal compreendidas, dando aos personagens duas opções: ou total deterioração ética e frieza de um personagem como Sofia, ou a morte solitária de um Rubião. Cabe a nós, leitores, fundir os dualismos, confusões, pontos de vista e contradições da narrativa ao processo

de deterioração mental dos personagens, revelando os interstícios da sociedade brasileira neste processo.

## **Bibliografia**

Assis, Machado de. *Memorias Postumas de Bras Cubas*. Rio De Janeiro: 1881. *Domínio Público*. Fundação Biblioteca Nacional. Web. 12 dez. 2012.

\_\_\_\_\_. *O Alienista*. Rio de Janeiro: 1882. *Domínio Público*. Fundação Biblioteca Nacional. Web. 12 dez. 2012.

\_\_\_\_\_. *Quincas Borba*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

Foucault, Michel. *Madness and Civilization*. New York: Vintage Books, 1988.

Freitas, Luiz Alberto Pinheiro de. *Freud e Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

Freud, S. (1996a). *O Mal-Estar na Civilização* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1929).

Gomes, Roberto. *O Alienista: loucura, poder e ciência*. *Tempo Social*. São Paulo: USP, 5(1-2), 145-160, 1993.

Jorge, Marco Aurelio Soares. "Engenho dentro de casa: sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental". [Master's Thesis] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 1997. Web. 24 dez. 2012.

Lima, Luiz Costa. "O palimpsesto de Itaguaí". In: *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. Web. 23 dez. 2012.

Lopes, Jose Leme. *A Psiquiatria de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

Muricy, Katia. *A Razão Cética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Ramos, Graça. *Ironia à Brasileira*. São Paulo: Paulicéia, 1997.

Rotterdam, Erasmo de. *Elogio da Loucura*. Trans. Paulo M. Oliveira. eBooksBrasil, 2002. Web. 12 dez. 2012.

Schuler, Donald. *A Prosa Fraturada*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1983. Web. 24 dez. 2012.

Schwartz, Roberto. "A Vira Volta Machadiana". *Novos Estudos – CEBRAP* (online). 2005, Vol. 1. Web. 24 dez. 2012.

\_\_\_\_\_. (org.). 1992. *Ao vencedor As Batatas*. São Paulo: Duas Cidades.

Tosta, Antonio Luciano. "Machado de Assis: A obra entreaberta". *Luso-Brazilian Review*. Vol. 41, No. 1 (2004) (PP. 37-55). Web. 24 dez. 2012.

Wilson, Clotilde. "Machado de Assis, Encomiast of Lunacy". *Hispania*, Vol. 32, No. 2 (May, 1949), pp. 198-201. Web. 23 dez. 2012.